

## OS SONETOS DE SCHWANKE: FRAGMENTOS DE PERSISTÊNCIAS

Viviane Baschirotto<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo faz um esboço e leitura de algumas obras do artista catarinense Luiz Henrique Schwanke (Santa Catarina, Brasil, 1951-1992). Pressupõe-se que a série de obras intitulada *Sonetos* possam apontar fragmentos de persistências de sua poética artística. Por meio de detalhes que seriam estilhaços que possibilitam ver o todo como pensa Georges Didi-Huberman, o texto aborda a persistência da repetição, do elemento dos dedos, das propagandas e *ready-mades* em seu gesto artístico nesse conjunto de obras bidimensionais produzidas ao longo da década de 1970 e 1980.

**Palavras-chave:** Detalhe. Persistências. Luiz Henrique Schwanke.

Luiz Henrique Schwanke (Joinville, SC, 1951-1992) produziu, ao longo da carreira, mais de cinco mil obras entre desenhos, pinturas e objetos. Ficou conhecido no território nacional principalmente por seus trabalhos com a série sem título identificada por muitos como *Linguarudos* ou *Carrancas* e também por seus trabalhos com baldes e bacias ou outros objetos plásticos ressignificados em colunas, cobra coral e diversas outras montagens. Sua participação na 21ª Bienal de São Paulo no ano de 1991 com a obra *Cubo de Luz – Antinomia* rendeu notabilidade para sua produção artística como um todo em âmbito nacional. A obra chamava atenção por ocupar os jardins do Parque Ibirapuera e por ser um cubo onde ficavam refletores de luz muito potentes, que causavam interferência até mesmo no espaço aéreo da cidade. Outros trabalhos ainda não são conhecidos pelo grande público quanto as obras citadas acima, dada a vasta produção do artista, principalmente em desenhos.

Schwanke foi, e ainda é, um dos nomes mais representativos da arte contemporânea de Santa Catarina, buscava interlocuções no circuito nacional com artistas e críticos. Neri Pedroso, jornalista do meio cultural, relembra de maneira pessoal e profissional as cartas que o artista enviava para nomes como Harry Laus, Frederico Moraes, Orlando da Silva e Liliana Reis. Também afirma que Schwanke era cuidadoso na divulgação do próprio trabalho, sempre enviando *press release* (texto de divulgação) para os setores de comunicação. Pedroso ainda lembra como o artista se esforçava para conhecer o circuito, viajar, conhecer museus, visitar exposições mesmo morando fora do eixo de maior concentração de artistas e exposições do país:

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Artes Visuais pela UDESC.

Atuante e engajado no meio cultural de Santa Catarina, ele, segundo o crítico paranaense Paulo Reis, antecipou a possibilidade de não ter de sair do seu meio para firmar-se como artista nacional, um fenômeno dos anos 1980, quando se passou a descartar a necessidade de morar no eixo Rio-São Paulo para estabelecer um diálogo artístico. (PEDROSO, 2010, p.52)

Vale lembrar que a interlocução com outros estados era sempre mais lenta, pois ainda não havia a propagação da internet, sendo as comunicações feitas de maneira analógica, via correio. Schwanke é conhecido do público catarinense, muito pelo esforço do Instituto Luiz Henrique Schwanke, com sede em Joinville e que esforça-se para manter viva a obra do artista, levando seu nome para exposições, cursos e atividades diversas no setor cultural. A maior parte do acervo de obras do artista se encontra em poder do Instituto que tem como principal gestora a irmã do artista Maria Regina Schwanke Schroeder, bem como outros nomes de igual importância.

Todavia, como citado anteriormente, a vastidão de suas obras faz com que muitos trabalhos ainda não sejam conhecidos do grande público. A série de *Sonetos* se encaixa nos trabalhos que foram pouco divulgados e aprofundados. Produzidas ao longo da década de 1970 e 1980 as obras evocam as persistências de sua produção artística como um todo. O próprio artista denominou a série de *Sonetos* que conta com cerca de cem exemplares. No ano de 2008 foram apresentadas 34 obras na exposição *Sonetos* sob curadoria de Charles Narloch e apresentada no Museu Victor Meirelles na cidade de Florianópolis e posteriormente no Museu de Arte de Joinville em cidade de mesmo nome e onde fui mediadora da exposição, tendo a oportunidade de conviver diariamente com as obras. Outros puderam ser vistos na exposição *Habitar os Incorporais* sob curadoria de Rosângela Cherem no final de 2016 e começo de 2017 na Fundação Cultural Badesc em Florianópolis, onde foram apresentados diversos trabalhos do artista.

Salvo algumas exceções, os *Sonetos* de Schwanke possuem sempre uma composição tradicional do soneto lírico com quatro conjuntos de versos, sendo que os dois primeiros com quatro linhas cada e os dois seguintes com três linhas cada, perfazendo um total de quatorze versos. Os sonetos tradicionais apresentam um arsenal de regras que vão desde o número de sílabas usadas, sua sonoridade e até mesmo o posicionamento das rimas, um processo meticuloso para o poeta. Schwanke rompe com as regras linguísticas e compõe os seus sonetos de diferentes formas por meio da decalcomania<sup>2</sup> e de traços que são algumas vezes firmes, outras vezes mais soltos.

---

<sup>2</sup> Processo que consiste em comprimir uma imagem em outra superfície umedecendo uma das partes.

Em decalcomania há exemplares feitos com flores, peixes e animais marinhos ou mesmo com insetos, como é o caso do *Soneto* da figura 1. Entre os insetos há grilos, borboletas, mosquitos, libélulas, moscas, etc, todos descritos no plural, pois eles se repetem ao longo do soneto. E por essa recorrência e posicionamento de cada inseto poderia se pensar que as repetições fazem parte de uma dinâmica melódica como possuíam os sonetos tradicionais. Os insetos de Schwanke adquirem assim um caráter lírico. E se na figura 1 os insetos se intercalam como em uma dança em seus voos, em outros *Sonetos* do artista os decalques são repetições. Há *Sonetos* com quatorze versos da mesma flor se repetindo, apresentando aparentemente sempre a mesma palavra, poderia ser um poema dadaísta.

Quando Schwanke substitui palavras por decalques ou mesmo linhas expressivas ele profana o poema, os sonetos tradicionais e, ao mesmo tempo, a arte. Giorgio Agamben em seu texto *Elogio da Profanação* faz uma reflexão sobre o que seria profanar. “Sagradas ou religiosas eram as coisas que de algum modo pertenciam aos deuses. [...] profanar, por sua vez, significava restituí-las ao livre uso dos homens.” (AGAMBEN, 2007, p.65). O gesto de profanar portanto, pode ser entendido como usar de outra forma, estar aberto a novos usos, como o gato que substitui o rato pelo novelo em exemplo do autor ou o artista que substitui as tintas e pincéis por outros procedimentos como faz Schwanke com seus decalques. Os sonetos tradicionais em Schwanke ganham novos significados e outras maneiras de conceber. Agamben confere mais um exemplo de profanação, desta vez, do mundo infantil: “As crianças, que brincam com qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos, transformam em brinquedo também o que pertence à esfera da economia, da guerra, do direito e das outras atividades que estamos acostumados a considerar sérias.” (AGAMBEN, 2007, p.67). Podemos pensar então que assim como a criança profana as bugigangas em brinquedos o artista também profana a maneira de se fazer arte. Schwanke profana os sonetos quando deles se utiliza da estrutura e do nome para criar seus próprios poemas sem palavras, quando ao invés de rimas encontramos um jogo de repetição de insetos. Nesse jogo de fazer arte o artista joga com o que lhe vem a mão, daquilo que dispõe.

**Figura 1. Luiz Henrique Schwanke**



Sem título. 1979. Decalque sobre papel. 89,7x69,9cm. Fonte: Instituto Luiz Henrique Schwanke.

Nadja de Carvalho Lamas em sua tese de doutorado intitulada *Revisitamento “na” e “da” obra de Schwanke* aponta que a repetição da mesma figura de forma simétrica acaba anulando a sua individualidade, contribuindo para uma percepção do todo e não mais de cada figura que foi posta no *Soneto*. A autora ainda aborda a repetição, aspecto presente na produção do artista e afirma:

A repetição formal é um procedimento recorrente na produção artística de Schwanke, mas há outro que não fica visível, a repetição compulsiva de sua produção. Em seu ateliê existem aproximadamente cem trabalhos em que o artista repete compulsivamente a estrutura do soneto, de forma espontânea, em diferentes técnicas – como aquarela, guache, acrílico, lápis – sobre diferentes tipos de suporte – papel sulfite, cartão, folhas de revistas, jornal –, e com diferentes procedimentos – hachura, trama, colagem, etc. (LAMAS, 2005, p.84-85).

A autora segue fazendo uma reflexão sobre a repetição nas obras do artista e também faz interlocuções de aproximações e diferenças com as obras do artista americano

Andy Warhol (1928-1987), expoente da *Pop Art* e que, não apenas para a autora mas para outros críticos que escreveram sobre Schwanke, foi uma referência artística para ele.

Mas, para além das relações de aproximações e referências que Schwanke possui na história da arte, é possível pensar em suas repetições como detalhes que sempre retornam. É preciso voltar a ver em detalhes, mesmo que a repetição dos mesmos grafismos e decalques façam com que a individualidade de cada figura fique cada vez mais difícil de identificar e que um bloco seja formado. Esse bloco se faz por partes, se faz por detalhes e Didi-Huberman em seu apêndice intitulado *Questão de detalhe, questão de trecho* convida o leitor a ver as obras de arte em detalhes, onde pressupõe uma operação de aproximação, depois de divisão e posteriormente de soma novamente, juntando as peças, mas cada uma em separado para formar o todo. Os insetos de Schwanke podem ser vistos assim, primeiro um olhar aproximado do *Soneto* permite que se perceba que são decalques de insetos, depois dividido para entender que se trata de insetos diferentes e assim os identificá-los e, por fim, uma soma do conjunto novamente para perceber o todo. Essa seria a operação que o olhar faz para ver em detalhes.

Mas o detalhe pode ser muito mais do que uma operação do olhar, uma forma de enxergar a obra de arte, ele pode ser um pedaço que cintila e deixa revelar, um faixo que joga uma luz para entender o todo. Cada pequeno pedaço de decalque que Schwanke faz, seja de flores ou de insetos, revela a sua obstinação pela repetição, seu processo de criação. A forma como se apropria de pequenas imagens que serão decalcadas nos *Sonetos* é a mesma noção operatória que utiliza para se apropriar de baldes e bacias ou mesmo das folhas de jornais e revistas que utiliza em diversos trabalhos. O pequeno inseto decalcado dá a ver um detalhe de toda sua produção, é uma pequena parte que pode revelar os gestos artísticos que incorrem em sua produção. Charles Narloch, o curador mostra sobre os *Sonetos* do artista afirma, com outras palavras, que os *Sonetos* de Schwanke são pequenas partes que dão a ver o todo de sua produção:

Seria difícil a análise cuidadosa dos sonetos de Luiz Henrique Schwanke sem levar em conta as especificidades de sua obra como um todo. Mesmo assim, trata-se de exercício especulativo. A chave de ouro destas séries decodificadoras do significado global de cada soneto, parece estar mais uma vez ligada à experiência de vida do artista, sua emotividade, sua percepção aguda da realidade, e uma certa ironia na eleição de modelos referenciais de sua época. (NARLOCH, 2010, p.61).

## ***Sonetos e suas persistências***

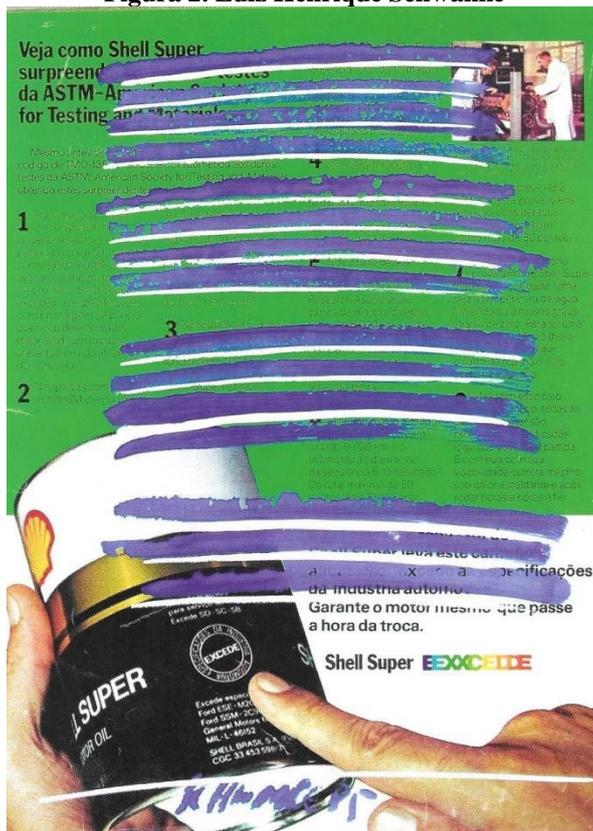
Schwanke pensava sobre o papel do artista como um propositor de ideias:

As coisas oferecidas pelo criador a outro indivíduo devem ser apenas referenciais, para que o receptor passe a criador e o círculo da criação se desenvolva em programação geométrica, pois o importante tem que ser a criação, e não a limitação da coisa criada com relação a indivíduo criador. O importante é a transformação. (SCHWANKE, 2010, p.42)

O artista possuía um caráter enigmático em muitas de suas obras e essa afirmação de que o artista deve passar apenas referenciais corrobora para esse pensamento. Suas obras individualmente podem ter sim um caráter misterioso para compreensão, mas quando olhamos para o todo podemos perceber os detalhes que persistem e encontrar chaves para ler seu trabalho.

Se o detalhe é um estilhaço que possibilita ver o todo como pensa Didi-Huberman então se pode observar algumas recorrências artísticas de Schwanke em séries de obras diferentes. Este seria o caso da recorrência dos dedos. Eles aparecem na publicidade que Schwanke utiliza como base na série dos *Sonetos* como pode ser observado na figura 2. Também se encontram em seus desenhos hiper-realistas de dedos e aparecem primeiro na série em que o artista produz revisitamentos de obras icônicas da História da Arte. Um exemplo é como quando na obra de Schwanke uma poltrona e um dedo segurando um fósforo aceso substituem respectivamente as figuras de São José e Jesus segurando uma vela na pintura *São José Carpinteiro* de Georges de La Tour, ou mesmo no seu revisitamento de Michelangelo Buonarroti na *Criação do Homem*, onde o dedo tem papel de destaque.

Figura 2. Luiz Henrique Schwanke

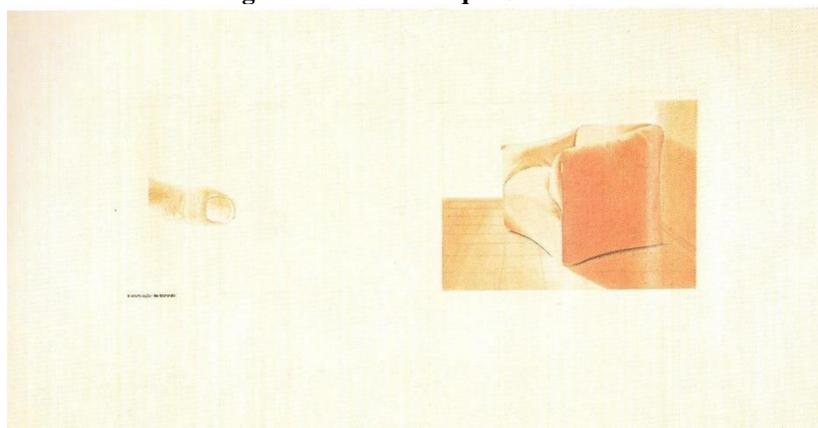


Sem título. Guache sobre papel de revista. 1985. 32,6x23,4cm. Fonte: Instituto Luiz Henrique Schwanke..

Lamas (2005, p.104) faz uma observação quanto ao dedo ser apresentado de forma impositiva em *Anunciação, de Leonardo* (figura 3) de 1979, revisitamento da obra de Leonardo da Vinci *A Anunciação*. A autora faz uma observação quanto ao uso do dedo polegar, que assinala autoritarismo, além de indicação. Este mesmo dedo pode ser observado no *Soneto* da figura 2, onde uma mão segura firme uma lata de óleo de motor e a outra aponta o seu selo Excede, um indicativo de qualidade a mais. O comercial por trás do soneto quer vender a ideia de que o óleo foi exaustivamente testado e que confere a máxima qualidade. O dedo polegar apontando para seu selo de qualidade quer indicar que este produto deve ser comprado, escolhido pelo consumidor, impondo um gosto de consumo e assim como em *Anunciação, de Leonardo* o dedo aparece de forma impositiva. Recorrendo novamente a Agamben, o autor pensa a relação do consumo com o desaparecimento: “O consumo, mesmo no ato do seu exercício, sempre já é passado ou futuro e, como tal, não se pode dizer que exista naturalmente, mas apenas na memória ou na expectativa. Portanto, ele não pode ter sido a não ser no instante do seu desaparecimento.” (AGAMBEN, 2007, p.72). Schwanke profana o consumo quando se

utiliza da base de revistas para compor seus sonetos, transforma o consumo fugidio em obra de arte, a propaganda ordinária no sublime, faz com que esse consumo que para Agamben apenas exista na memória ou na expectativa se transforme em algo perene por meio da arte. Não menos importante é a observação que Walter Guerreiro faz da presença dos dedos na série de revisitamentos de Schwanke em seu livro *Schwanke: Rastros* de 2011. Aportado na psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) o autor correlaciona a presença do dedo polegar a um símbolo fálico, reflexão porém que não será aprofundada neste artigo.

**Figura 4. Luiz Henrique Schwanke**



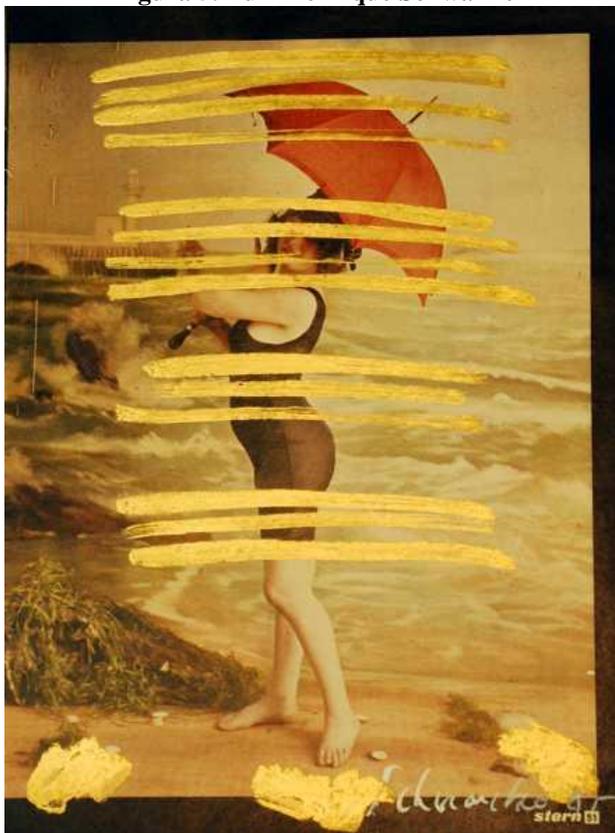
Anunciação, de Leonardo. Ecoline, lápis de cor, letraset s/ papel encerado, 35x62cm. Fonte: Instituto Luiz Henrique Schwanke.

O dedo nas obras de Schwanke não se limitam a sua série de revisitamentos da História da Arte, há também desenhos de dedos sozinhos, onde parecem um recorte de uma revista, tamanho o hiper-realismo de seus trabalhos. Os *Sonetos* de Schwanke onde aparecem os dedos que são de fato partes de propagandas de revistas são posteriores a seus desenhos de dedos e a série de revisitamentos, são portanto detalhes de recorrência e permanência em suas obras.

Outra persistência nas obras do artista são as apropriações de objetos e imagens, pois Schwanke busca o *ready-made* em diferentes trabalhos. O uso de propagandas como base para compor os seus sonetos pode ter uma relação com o seu trabalho de arte-finalista em agência de publicidade. Mas além de questões biográficas que podem ser percebidas em suas obras, elas lançam outras leituras. A propaganda de motor de óleo com o dedo polegar que indica e determina na figura 2 pode dar espaço para uma moça segurando um guarda-chuva na figura 4. Sobre o que poderia falar este soneto? Que palavras poderiam estar escritas sobre esta imagem? O soneto de linhas douradas de Schwanke se sobrepõe a esta imagem que apresenta uma banhista do começo do século XX em meio a uma

paisagem que exibe um mar revolto se chocando com algumas pedras e ainda ao fundo uma construção.

**Figura 5. Luiz Henrique Schwanke**



Sem título. Guache com purpurina dourada folha de revista. 29,6x21,5cm. 1982. Fonte: Instituto Luiz Henrique Schwanke.

As imagens que Schwanke utiliza para escrever seus sonetos funcionam como dispositivos que acionam algum sentido. São imagens que abrem ao soneto ilegível uma janela de leitura possível. Como se o soneto da figura 5 contasse de forma poética e alegre os dias de verão da moça que olha para o espectador, talvez seus dias de férias. O dispositivo governa, orienta, se relaciona com os saberes e fazeres, com as potencialidades de um trabalho como reflete Giorgio Agamben no texto *O que é um dispositivo?*: “chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p.40). Pode-se pensar então nas imagens que Schwanke utiliza como base para seus sonetos em dispositivos que mobilizam significados, agregam questões a esses sonetos que não possuem palavras, mas linhas retas ou decalques. Às linhas retas brancas ou coloridas sobre as apropriações de folhas de revistas se agregam significados,

fazendo com que os suportes adotados funcionem como dispositivos para seus sonetos sem palavras definidas. Todas as revistas são dispositivos de leitura e Schwanke ao se apropriar dessas folhas continua usando dessa maneira as folhas de revistas, mas agora profanadas, como um contradispositivo que é o que a arte é. Essas folhas apropriadas orientam um sentido, elas agregam singularidades a essas palavras que ficaram escondidas entre suas linhas e decalques.

Sobre as palavras, seus usos e interpretações, Maurice Blanchot em *Falar, não é ver* afirma que para encerrar uma palavra em si mesmo é preciso apenas buscar sua etimologia, de modo a relacionar-se com ela de forma tautológica. Schwanke não abre esse espaço para reduções pois suas palavras estão ocultas, se encontram nas linhas retas desenhadas sobre suas imagens, escondidas. As palavras, como afirma Blanchot (2010, p.66), estão em suspenso, em oscilação. As palavras de Schwanke se encontram nessa lógica de suspensão, de encontros e desencontros, de revelar o assunto pelas imagens e ao mesmo tempo esconder o teor das palavras em suas linhas retas. As palavras criam seu próprio caminho (BLANCHOT, 2010, p.66) e constroem o seu percurso, assim como os *Sonetos* de Schwanke, que pelas imagens abrem uma fenda de observação, mas que não se deixam revelar completamente.

Blanchot ainda vai afirmar que a palavra desnuda: “A palavra (pelo menos a que interessa: a escrita) desnuda, sem mesmo retirar o véu, e às vezes, ao contrário (perigosamente), encobrendo – de maneira que não cobre nem descobre” (BLANCHOT, 2010, p.69). Desta maneira os *Sonetos* de Schwanke são como estas palavras descritas por Blanchot, que perigosamente acabam encobrendo as imagens, deixando a leitura ambígua em um jogo de cobrir e descobrir, de lançar uma luz nas imagens ou mesmo cobri-las com os sonetos. É preciso um olhar atento também para perceber que a questão da linguagem nas obras de Schwanke não se encerram apenas na sua série de *Sonetos* ou mesmo no uso perspícaz das palavras no outdoor *Xaisérie I*<sup>3</sup> mas de que palavras vomitadas e inaudíveis também tratam seus perfis, seus *Linguarudos*. Nos *Sonetos* encontram-se as palavras em contenção mas impressas e nos *Linguarudos* talvez seja possível escutar gritos silenciosos de palavras que foram ditas. Na verborragia de tantas palavras é preciso atenção e a consciência de que “toda busca é uma crise” (BLANCHOT, 2010, p.72).

---

<sup>3</sup> Outdoor Schwanke de 1991. Obra em formato de propaganda outdoor que fez parte da Bienal de São Paulo de mesmo ano. Consiste em uma foto da boca de Schwanke aberta em conjunto com palavras inventadas pelo artista.

Assim como o detetive procura nos detalhes indícios que o ajudem a resolver um crime, procuramos pelos detalhes nas obras de Schwanke para que a partir de seus *Sonetos* seja possível alcançar o todo, que esses pequenos detalhes nos revelem o seu gesto artístico, seus desejos enquanto artista. Os detalhes de sua obra podem ser vistos como persistência e sobrevivência de sua obra como um todo. Lembra Didi-Huberman (2013, p.299) que: “uma chave se tornará a chave para esgotar o sentido de tudo que é pintado em torno dela.” Na procura pelas persistências e recorrências da poética de Schwanke existem muitos arquivos para se adentrar e revisitar ainda, mais de cinco mil obras para ser mais exata. É preciso continuar procurando por seus rastros, seus vestígios, os detalhes.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. Elogio da Profanação. *In*: AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, Argos, 2009.

BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita – a palavra plural. *In*: BLANCHOT, Maurice. **Falar, não é ver**. São Paulo: Escuta, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Questão de detalhe, questão de trecho. *In*: DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da Imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013.

LAMAS, Nadja de Carvalho. **Revisitamento “na” e “da” obra de Schwanke**. 2005. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NARLOCH, Charles. *In*: KLOCK, Kátia; BRASIL, Ivi; SCHULTZ, Vanessa (org.). **Percorso do círculo Schwanke: séries, múltiplos e reflexões**. Florianópolis: Contraponto, 2010.

PEDROSO, Néri. Filigrana. *In*: KLOCK, Kátia; BRASIL, Ivi; SCHULTZ, Vanessa (org.). **Percorso do círculo Schwanke: séries, múltiplos e reflexões**. Florianópolis: Contraponto, 2010.

SCHWANKE, Luiz Henrique. Enquete/Arte Catarinense. *In*: KLOCK, Kátia; BRASIL, Ivi; SCHULTZ, Vanessa (org.). **Percorso do círculo Schwanke: séries, múltiplos e reflexões**. Florianópolis: Contraponto, 2010.